

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de Licenciatura em Ciências Sociais**

Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Sociologia

**OS USOS DO SMARTPHONE, DAS REDES SOCIAIS E SEU
IMPACTO NOS PROCESSOS PEDAGÓGICOS**

Guilherme Lopes da Silva

Orientador:

Dr. Everton Garcia da Costa

Porto Alegre

2024

Guilherme Lopes da Silva

**OS USOS DO SMARTPHONE, DAS REDES SOCIAIS E SEU IMPACTO
NOS PROCESSOS PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Everton Garcia da Costa.

Porto Alegre

2024

RESUMO

Este trabalho de conclusão de licenciatura aborda o comportamento e interação em ambientes escolares, focando na reflexão sobre o uso de smartphones pelos professores e alunos. A pesquisa envolveu observação em sala de aula, durante estágio docente e análise desse contexto social em relação aos dispositivos móveis. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica para problematizar o debate sobre o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) como recurso pedagógico, destacando as redes sociais como elemento central. A pesquisa buscou entender como a tecnologia afeta a percepção social, temporal e cognitiva da aprendizagem, utilizando o conceito de habitus de Pierre Bourdieu. O texto é dividido em seis seções, abordando dados sobre a aquisição de smartphones, histórico do uso social, relatos de experiência em estágio docente, perspectivas sobre o uso pedagógico de TDICs, relação com o habitus e considerações sobre a baixa utilização de TDICs em sala de aula, atribuída a problemas de infraestrutura, regulamentação e planejamento.

Palavras chave: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Smartphones na Educação. Habitus. Redes Sociais.

Abstract

This undergraduate thesis addresses behavior and interaction in school environments, focusing on reflecting on the use of smartphones by both teachers and students. The research involved classroom observation during teaching internships and analysis of this social context in relation to mobile devices. Additionally, a literature review was conducted to problematize the debate about the use of Digital Information and Communication Technologies (DICTs) as pedagogical resources, highlighting social networks as a central element. The research sought to understand how technology affects the social, temporal, and cognitive perception of learning, using Pierre Bourdieu's concept of habitus. The text is divided into six sections, covering data on smartphone acquisition, the history of social use, reports of experience during teaching internships, perspectives on the pedagogical use of DICTs, relationship with habitus, and considerations about the low use of DICTs in the classroom, attributed to infrastructure, regulation, and planning issues.

Keywords: Digital Information and Communication Technologies (DICTs), Smartphones in Education, Habitus, Social Networks.

SUMÁRIO

1	Introdução	06
2	O uso do smartphone: alguns dados relevantes	07
3	Uso das TDICs e mudanças de comportamento	10
4	A experiência de observação e a pesquisa de revisão Bibliográfica	13
5	Uso das TDICS em sala de aula: o que diz a literatura	17
6	O conceito de habitus de Bordieu e sua capacidade explicativa no papel do smatphone na sociedade contemporânea	21
7	Considerações Finais	24
8	Referências	26

1. Introdução

Este trabalho de conclusão de licenciatura (TCL) pretendeu descrever e realizar apontamentos em relação ao comportamento/interação em ambiente escolar, para fins de reflexão sobre situações com as quais professores poderão encontrar no ambiente de sala de aula. Mais precisamente, temos como objetivo problematizar aspectos positivos e negativos em relação ao consumo de tecnologia digitais informacionais (TDICs), em específico os smartphones no contexto escolar. O desenvolvimento desta pesquisa percorreu um trajeto que passou pelo campo de observação, que foi realizada através da experiência de estágio docente obrigatório do autor, e pela observação cotidiana do contexto social do autor, utilização e relação com aparelho celulares, partindo da compreensão que parte dessa observação da comunidade também se faz relevante, já que o *habitus* de utilização da tecnologia vai além dos muros da escola.

Além dessas observações – ambiente de sala de aula e da sociedade – foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica. Através dessa revisão e da experiência de observação, procuramos problematizar o debate e os discursos sobre uso de TDICs como recurso pedagógico, bem como o uso das redes sociais como principal expoente da utilização do aparelho tecnológico.

A primeira etapa para o desenvolvimento da pesquisa envolveu o trabalho de revisão bibliográfica. Os artigos foram comparados e analisados. Muitos desses materiais, no entanto, nos conduziram a debates científicos que não atendiam à nossa expectativa de investigação teórica. Ou seja, não traziam fundamentos, conceitos e bases científicas sociológicas que possibilitassem compreensões subjetivas em relação ao objeto de pesquisa. Este trabalho de conclusão teve o interesse de investigar possibilidades em que a tecnologia pode estar afetando a percepção social, temporal e cognitiva sobre o desenvolvimento de aprendizagem. Por essas perspectivas, é importante perceber e fundamentar essa prática social, isto é, o uso do smartphone em sala de aula, já que essa tecnologia é cada vez mais presente, extensiva e fundamental na sociedade brasileira e mundial, sendo vista como algo natural e sem precedentes.

Para desenvolver a análise, mobilizamos o conceito de *habitus*, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2007), o qual nos auxilia na compreensão e explicação desse fenômeno. Mais precisamente, usamos o *habitus* como ferramenta explicativa para tentar compreender o processo em que a cibercultura cada vez mais se introduz no ambiente social e, conseqüentemente, torna o indivíduo capaz de apresentar ou construir novos

comportamentos, e/ou potencializar padrões de comportamentos que se externalizam/internalizam em relação ao uso de TDICs em suas diversas finalidades. Sendo a função mais utilizada pela sociedade em geral, bem como pelos estudantes, para a socialização por meio de conversas por mensagens compartilhadas em redes sociais virtuais.

Para atingir os objetivos então propostos, organizamos o texto em seis seções. A primeira delas traz um demonstrativo de dados pertinentes sobre a crescente aquisição dos smartphones, finalidades de utilização, além de dados referentes à conectividade, acesso e utilização do celular em escolas. Na segunda seção, apresentamos um breve histórico e referencial de dados, sob aspectos do uso social do smartphone, a relevância das redes sociais em torno desse dispositivo e seus efeitos na sociedade contemporânea. Na terceira seção, trazemos os relatos da experiência do estágio obrigatório docente e as observações com a temática do estudo, além dos denominados processos e buscas realizadas para revisão bibliográfica. Na quarta seção, analisamos as perspectivas dos trabalhos selecionados e aspectos sobre as possibilidades e impossibilidades de utilização da TIC como recurso pedagógico. Na quinta seção, refletimos sobre a relação da incorporação social do uso do smartphone, à luz do conceito de habitus (Bourdieu, 2007). E por fim, na sexta seção, defendemos que parte da baixa utilização de TDICs em sala de aula está relacionado a problemas de infraestrutura, regulamentação e planejamento.

2. O uso do smartphone: alguns dados relevantes

O celular já existe no mundo há mais de 30 anos, porém, não na versão que utilizamos. Somente após o lançamento do primeiro iPhone, em 2007, que tivemos um aparelho com maior familiaridade aos que conhecemos nos dias de hoje, ou seja, um dispositivo “inteligente”, com diversas aplicações. Pode-se dizer que, no início do milênio, houve uma disputa de mercado tecnológico entre as maiores fabricantes de tecnologia do mundo como Apple, Microsoft, Samsung, Motorola, Nokia, entre outras, o que trouxe certo aporte para a evolução e propagação dos smartphones.

Mediante uma cena intensa na celeridade da globalização (Fernandes, 2020, p. 29), logo os telefones com acesso móvel à internet começaram a ser disponibilizados em preços acessíveis, da mesma maneira que as formas de conexões móveis também foram ampliadas. O celular foi ficando mais sofisticado e permitindo melhores qualidades de acesso, seja pelo aparelho, seja pela expansão e desenvolvimento da qualidade dos sinais. Chegando a possibilidades de chamadas de e reprodução de vídeos pela rede móvel, algo impensável no

início dos anos 2000. A partir daí, surge um amplo mercado sobre essas tecnologias, abrindo os mais diversos caminhos digitais.

Há pouco mais de uma década, conforme dados disponibilizados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2023), em 2013, 31% dos brasileiros acima dos 10 anos tinham acesso à internet pelo celular; em 2011, esse número girava em torno de 15% - ou seja, o percentual dobrou em apenas dois anos.

Dez anos depois, em 2022, segundo o IBGE, 87% dos brasileiros acima dos 10 anos de idade possuíam celular para uso pessoal. Em relação aos alunos de escola pública, 89% fizeram acesso à internet no ano de 2022, sendo o telefone celular a forma de conexão mais utilizada, representando 98,9% dos acessos. Ainda segundo o IBGE, cada vez menos alunos da rede pública utilizam os microcomputadores, que apresentaram uma queda de 63% em 2016, para 35% em 2022.

O IBGE salienta também que apenas 8,9 % dos usuários de internet efetuaram conexões gratuitas públicas, ou por escolas e bibliotecas. Entre os estudantes da rede pública, 26% utilizaram a conexão gratuita. No que tange às finalidades de utilização, as redes sociais representam 83% dos relatos, 94% utilizam para conversas por chamadas de voz ou vídeo e 92% para enviar e receber imagens, mensagens de texto e voz por outros aplicativos de email, conforme os dados verificados no site da Agência de Notícias do IBGE.

O número de aparelhos smartphone no país cresceu de forma considerável de acordo com uma pesquisa publicada em 2023, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O estudo aponta que no Brasil há cerca de 249 milhões de aparelhos inteligentes em uso, destacando que são vendidos em média 3,3 celulares a cada 1 aparelho de TV.

Em relação à nossa temática de pesquisa, no que diz a respeito à educação, apresentamos os dados publicados sobre o ensino médio no final de 2023, pela Pesquisa Sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2022, realizada pelo CETIC. A pesquisa foi realizada por coleta de amostragem das 27 unidades federais do território brasileiro, em 1.126 escolas em área urbana e 268 escolas em área rural. No Rio Grande do Sul, foram entrevistadas 76 escolas, sendo questionados gestores, docentes e alunos. O estudo destaca que 77% dos alunos fazem o acesso na escola, sendo a proporção de 55% dos anos iniciais em contraste a 81% do ensino médio. Os smartphones são a principal forma de acesso à internet, sendo a rede móvel mencionada por 42% em contraste a 31% que utilizam wi-fi da instituição.

Outro dado relevante, corresponde que 64% alunos justificam que não usam a internet em atividades durante as aulas, devido a proibição de 61% das escolas sobre o uso do celular pessoal. Por outro, 46% das escolas restringem o acesso com a justificativa de que a qualidade do sinal ofertado não suporta múltiplas conexões. Embora possa haver alguma disponibilidade de acesso para atividades pedagógicas, 84% dos professores justificam dificuldades pela falta de computadores, 53% por falta ou dificuldades de acesso, 50% por dispersão dos alunos quando há uso da tecnologia em aula, 38% falta de profissionais de apoio para uso das TDICs, 37% por ser proibido o uso de celular em sala, 35% por necessidade de agendamento das tecnologias disponíveis, 18% possuem dúvidas de como utilizar as tecnologias, 15% por justificar a necessidade de tempo para planejar atividades com TIC e 27% por outros motivos não especificados (CETIC, 2023).

Quando verificado o uso do telefone como recurso em sala de aula no ensino médio, o relatório da CETIC aponta que 78% dos alunos utilizam o celular ou computador para pesquisar sobre o que os professores falaram em aula, 69% utilizaram o celular ou computador para ler textos, 63% informam fazer com colegas no celular ou computador, 58% utilizaram o celular ou computador para fazer slides de apresentação, 52% informa assistir vídeos sobre o que o professor falou em aula e ler textos, 37% utilizam o celular ou computador para jogar jogos que o professores pedem, 35% para edição de fotos e imagens, 28% para gravarem vídeos ou músicas 26% utilizam para gráficos e planilhas no celular ou computador.

Com relação ao papel do professor em torno de problemas digitais, verificamos no relatório da CETIC que 89% dos professores trataram temas sensíveis da internet com seus alunos como *fake news*, *ciberbullying*, exposição, assédio, saúde mental, problemas relacionados à saúde física que podem ser causados pela internet e desenvolvimento ético de tecnologias.

Outro dado relevante é o de que 61% dos professores apoiaram seus alunos em enfrentamentos de situações sensíveis na internet. Elencando as situações sensíveis em 2022, é apresentado que 46% é relacionado ao uso excessivo de TDICs ou jogos, 34% por *ciberbullying*, 30% discriminação, 26% sobre disseminação ou vazamento de imagens sem consentimentos e 20% por assédio. NoNa sequência, o relatório aborda aspectos sobre o professor referente a atividades sob resolução ou auxílio com as TDICs. Nos é mostrado que 64% dos professores sempre incentivam seus alunos a se ajudarem na utilização das TDICs, 20% às vezes incentiva, enquanto 16% nunca incentivam seus alunos sobre TDICs.

Sobre implementar atividades que utilizem as TDICs como forma criativa para solucionar problemas, o relatório da CETIC aponta que 32% dos professores quase sempre utilizam, 43% às vezes e 25% nunca utilizam. No que tange aos docentes que solicitam aos seus alunos para utilizarem TDICs para criar novas soluções e produtos, 30% quase sempre solicitam, 35% às vezes e 35% nunca solicitam. Sobre professores que planejam atividades em que os alunos avaliem benefícios e desvantagens sobre soluções tecnológicas, a pesquisa destaca que 29% dos docentes quase sempre planejam, 38% às vezes e 33% nunca planejam.

3. Uso das TDICs e mudanças de comportamento

Ao observarmos os dados até aqui expostos, fica claro que os smartphones e as TDICs a ele relacionadas estão onipresentes no mundo contemporâneo. A utilização desses dispositivos, da forma como tem ocorrido, tende a trazer incorporações culturais que poderão ser externalizadas pelos indivíduos. A esse respeito, Natália Ranucci Cheade Fernandes (2018) argumenta que as TDICs podem ser vistas como extensão do indivíduo e que essa utilização é cada vez mais intensa. Um exemplo que ilustra isso é a imagem corriqueira de pessoas que estão em um mesmo ambiente (como dentro do lar), se relacionando virtualmente, passando então a existir a falta de interação presencial entre aqueles que estão no mesmo espaço físico. Quando esse tipo de situação ocorre no ambiente de sala de aula, fica claro que o uso dos aparelhos celulares impacta a aprendizagem.

O “Relatório de Monitoramento Global da Educação”, emitido pela UNESCO em 2023, traz a não recomendação para utilização dos aparelhos celulares em sala de aula para criar, destacando os impactos negativos que essas TDICS podem ter sobre a aprendizagem. Esse relatório dispõe informações que enfatizam os prós e contras relacionados ao ensino com utilização do celular, salientando que esse recurso tecnológico acaba sendo utilizado como uma forma de distração (UNESCO, p.8, 2023). Um fato observado bem interessante nessa dimensão é que as redes sociais passam a ser utilizadas até nos ambientes institucionais. Hoje, diversos órgãos públicos possuem perfil em redes sociais como forma de trazer informação e interação com os internautas (de acordo com dados da CETIC, 85% dos órgãos públicos federais e estaduais possuíam perfil online em rede social no ano de 2019; além disso, no ano de 2021, 91% das prefeituras no Brasil possuíam conta em rede social online). Do mesmo modo, importantes representantes governamentais comumente efetuam declarações oficiais por meio dessas plataformas. Logo, as redes sociais passaram a ser parte

do local de existência do sujeito, seja pela da ideia de cidadania ou da ideia das redes sociais pelo sentido de legitimação social.

Desta forma, não se pode dissociar o papel hegemônico do smartphone dentro da sociedade atual das redes sociais. Os aparelhos celulares são o principal meio de conectar-se à rede de pessoas ou outras diversas utilidades (e-mail, aplicativos diversos, serviços bancários e etc.). Conseqüentemente, o smartphone obtém uma propriedade, se estabelece como algo imperativo, sendo hoje impensável sairmos de casa sem esse aparelho. Poucos minutos longe dessa tecnologia já nos causa preocupação em relação às notificações ou espera por mensagens, contatos ou notícias.

A partir dessas observações, podemos afirmar que parte da subjetividade humana passa a ser fonte de datificação (Mayer-Schoenberger; Cukier 2013). Explico: a cada conexão, a cada mensagem enviada, site acessado, objetos de interesse e desejos podem ser captados pelo aparelho – isso, devido à tecnologia, à presença de algoritmos que percebem e atuam nas preferências do usuário, para deste modo criar disposição, necessidades e atender aos desejos do usuário. Além do fato de que o indivíduo passa a possibilitar e fornecer um relatório de si mesmo, através do fornecimento de seus dados e históricos de navegação.

O avanço tecnológico tem nos possibilitado experienciar novos dispositivos, tais como fones de ouvido sem fio (via Bluetooth), óculos de realidade virtual, aparelhos “inteligentes”, enfim, que geram diferentes tipos de sensações através dos nossos sentidos auditivos e visuais. Nesse contexto, a emergência da pandemia de COVID19 e a conseqüente necessidade de distanciamento social intensificou o uso das TDICs que possibilitam essa experiência de “imersão” no ambiente virtual.

Certamente, a incorporação dessas TDICs não se dá de forma homogênea, e em vislumbre a realidade do ensino público brasileiro, teremos fatores que indicam uma série de dificuldades que se somam a outras carências estruturais e que estarão relacionadas à realidade da sociedade/indivíduo/modalidade de ensino. De acordo com os dados, podemos compreender problemas como falta de equipamento, conexão de baixa qualidade, dispersão do foco dos alunos em torno da tecnologia, falta de apoio técnico, relativo conhecimento sobre as TDICs e regulamentação sobre a utilização ou métodos pedagógicos.

Por outro lado, algumas pesquisas demonstram que com a utilização de TDICs como recurso pedagógico, os resultados de aprendizagem podem ser satisfatórios. Na perspectiva positiva de utilização das TDICs, o professor atuaria hoje como mediador do ensino. Constituindo a ideia de que com a utilização apropriada dos recursos tecnológicos, o aluno obtém a autonomia, que se instrumentaliza por meio da utilização das TDICs para a

aprendizagem e letramento, como pode ser visto no trabalho de Barrera (2018), intitulado *Tecnologias de informação e comunicação (TDICs): uma revisão sobre seu uso no ensino médio de química no Brasil*. Neste trabalho, através do smartphone, possibilitou-se aos alunos visualizarem vídeos de experiências e experimentos químicos na ausência de um laboratório, assim como plataformas virtuais possibilitando a manipulação de agentes químicos e suas combinações e reações.

Entretanto, a nosso ver, no contexto presente, ainda são inúmeras as dificuldades para que se obtenha a autonomia intelectual de ensino dentro de uma sociedade, que ainda tem inúmeras questões de compromisso social para solucionar, entre outros problemas que surgem em torno do uso da internet e suas informações que podem não ser confiáveis.

Embora se reconheça que diversos recursos das TDICs podem auxiliar na aprendizagem, o que se percebe é que a realidade da escola pública ainda carece de metodologia e regulamentação para formalização do uso dessas tecnologias em sala de aula, assim como uma regulamentação e estruturação curricular, recursos financeiros para investimentos, ante uma melhor especificação sobre programação curricular. No caso, a regulamentação para a utilização de celulares ou TDICs nas escolas, estará sobre a adequação de cada Estado ou Município.

A Lei de Nº 14.705, de 25 de junho de 2015, da Secretaria Estadual da Educação (SEDUC) do Rio Grande Sul, regula que as escolas e instituições sob a demanda da SEDUC/RS estabeleçam disponibilidade de tecnologia, infraestrutura e recursos para inclusão digital, desenvolvimento de currículo e atividades que promovam o uso de tecnologia como meio de aprendizagem em todas modalidades de ensino. Pelo parâmetro da lei, a possibilidade de oferta para utilização de tecnologias é existente, mas ainda não de forma muito específica, o que implica na individualidade de adequação pelas escolas e professores.

Muitas das ações positivas com utilização dos recursos digitais necessitam de disposição, conhecimento, destreza e interesse do professor que, de forma criativa e com recursos pessoais, pode obter uma melhor funcionalidade da tecnologia. Expresso isso por reconhecer que seria mais uma demanda na vida profissional do professor da rede pública, além de lhe ser atribuído um novo papel e prática/habilidade no desenvolvimento da aprendizagem, isto é, o de mediador/educador mediante a autonomia informativa e educacional que o bom uso do recurso tecnológico pode oferecer.

É preciso destacar que embora a ocorrência da pandemia tenha influenciado a celeridade para a incorporação dos smartphones no ambiente escolar, muito antes disso tais

dispositivos já haviam se tornado ferramentas imprescindíveis para a “existência” do ser enquanto cidadão. O período pandêmico, no qual foram se estabelecendo formatos de ensino remoto, como o ERE (Ensino Remoto Emergencial), apenas catalisou este processo de incorporação das TDICs. A partir dessa experiência emergencial, diante a situação excepcional que exigiu o distanciamento, a utilização de TDICs para estudar se tornou um imperativo dentro do mundo atual.

4. A experiência de observação de estágio e a pesquisa de revisão bibliográfica

Passado o momento de distanciamento social imposto pela luta contra o coronavírus, na retomada às aulas presenciais, enquanto estudante de Licenciatura em Ciências Sociais na UFRGS, em cumprimento à grade curricular do curso, realizei o estágio docente obrigatório no primeiro semestre do ano de 2022 (mas que ocorria em 2023, frente ao atraso do calendário acadêmico em decorrência da pandemia). Observei aulas e lecionei na Escola Estadual Coronel Afonso Emílio Massot, localizada no bairro Azenha, na cidade de Porto Alegre. Essa escola oferece o curso técnico em contabilidade e a modalidade de ensino médio para jovens e adultos (EJA) no período noturno. A escola possui uma estrutura antiga e demonstra algumas necessidades de reformas e limitações com seus recursos tecnológicos. Embora conte com laboratório de informática, a sala geralmente necessita de agendamento prévio, o que também ocorre com a sala de TV, que também é utilizada pelo curso técnico. O perfil de alunos observados durante o estágio apresenta uma variável de idade entre 18 e 50 anos ou mais, mas a maioria dos alunos são jovens na modalidade do EJA. Essa é uma realidade próxima à percebida no trabalho de Barbosa (2020). Na primeira turma que observei, a T8 (2º ano do ensino médio) possuía 31 alunos, conforme a lista de frequência. Havia um equilíbrio da quantidade entre mulheres e homens, mas visualmente uma quantidade um pouco maior de mulheres em sala. Na turma T9 (3º ano do ensino médio), já havia um número muito baixo de alunos, somente 8 em um total de 14 matriculados, sendo a maioria homens.

A maior parcela dos alunos é oriunda de regiões periféricas um pouco mais afastadas, como Zona Leste e Zona Sul. Cabe salientar que a escola está mais inserida para região central e próxima das Avenidas João Pessoa e Ipiranga, que são grandes vias que cruzam e conectam grande parte da cidade de Porto Alegre. E nesta localidade a escola se viabiliza no trajeto dos alunos que, em sua maioria, trabalham durante o dia e buscam através da modalidade EJA obter conclusão do ensino médio em um prazo menor (Silva, 2022, p. 41).

Parte desses alunos condiz com dados de evasão ou abandono escolar, e assim não concluindo o ensino regular no tempo considerado como adequado (Silva, 2022, p. 42).

Logo nas primeiras observações, foi fácil perceber que muitos alunos utilizam *smartphones* durante a aula para outros fins que não os de aprendizagem. Notei a presença dos fones sem fio, que são semelhantes a pontos eletrônicos intra-auriculares, e que tornam quase imperceptível perceber se o aluno está ouvindo as explicações em sala. Observei também que há uma relação quase que inseparável dos alunos com seus dispositivos, de modo que em diversos momentos eles conferiam seus telefones, respondiam mensagens ou simplesmente saíam da sala de aula para supostamente atender algum chamado importante em seu aparelho - o que ocorreu mesmo em meio a explicações do conteúdo para classe feitas pelo professor. São fatos que acabam interrompendo a explicação, quebram o ritmo da aula e geram a distração dos demais alunos.

Mas o que mais de fato me chamou a atenção foi um acontecimento que inclusive motivou a realização deste trabalho. Tal “insight” foi a forma como um grupo de alunos comparou a qualidade dos professores, classificando os que eram vistos como “bons”, e os que eram considerados “ruins”. Esse fato me levou a refletir que aqueles alunos assemelhavam-se a consumidores que compram produtos e serviços por aplicativos de celular e que depois avaliam, reclamam e recomendam esses serviços e produtos. Se portavam em sala de aula como consumidores que qualificam e personalizam como seria o “melhor produto” atribuindo-lhe estrelas.

Com efeito, a partir desse insight sobre o “aluno-consumidor”, após o término do estágio docente, decidi que meu TCL seria relacionado ao uso do smartphone no ambiente escolar. Esclareço, portanto, que embora tenha ocorrido o insight, a pesquisa somente teve início em momento posterior ao estágio docente obrigatório, sendo produzida uma primeira versão em forma de projeto. Pesquisei, nesta ocasião, as referências bibliográficas sobre os assuntos de recursos tecnológicos e comportamento. As buscas, no entanto, me levaram a discussões mais amplas sobre a relação com a tecnologia em direcionamento sobre o uso de smartphone em sala de aula ou para seus aspectos sobre comportamento/interação/socialização e aprendizagem.

Para limitar a busca, decidimos analisar trabalhos anteriores à pandemia, e também trabalhos publicados no contexto pandêmico. O critério temporal para o material selecionado foi estabelecido pela filtragem do ano de 2013 a 2023, sendo relevantes as pesquisas preocupadas em comportamento e perspectivas similares à nossa temática de pesquisa.

Num primeiro momento, realizamos a busca pelos descritores EJA + DISPOSITIVOS + SALA, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da CAPES e também na plataforma LUME, da UFRGS. Essa busca apresentou 20 resultados na BDTD e 1549 na LUME. Após, realizamos outra procura em ambas as plataformas, com os termos CELULAR + SALA DE AULA + EJA. Encontramos 13 resultados na BDTD, já pelo LUME foram 1249 trabalhos encontrados. Pelos termos TDICS + ENSINO MÉDIO + EJA foram encontrados 12 resultados na BDTD, já o LUME apresentou 539 trabalhos.

Em outro momento foi pesquisado COVID19 + ERE + APRENDIZAGEM, REDES SOCIAIS + SALA DE AULA + CELULAR, no BDTD encontrado apenas um resultado, já no LUME foram encontrados 163 resultados. Testando ainda os termos COMPORTAMENTO HUMANO + USO DE SMARTPHONE, onde na BDTD apresentou 45 resultados e na LUME 2700 resultados.

Dos resultados encontrados, realizamos a leitura do título e do resumo dos respectivos trabalhos. Selecionamos os textos que tinham como assunto o uso de TIC, na aprendizagem, situação de efetividade e resultados positivos em relação à utilização do recurso como ferramenta pedagógica. Nesse sentido, ao todo, foram selecionados cinco trabalhos, sendo eles; BARBOSA, Míriam L. *Tecnologias digitais e seus usos na Educação de Jovens e Adultos (EJA): contribuições para a inclusão digital. Diamantina (2020)*, BARRERA, Eliana Cristina Galland. *Tecnologias de informação e comunicação (TDICs) : uma revisão sobre seu uso no ensino médio de química no Brasil. UFRGS (2018)*, FERNANDES, Kaline G. *Escolae redes sociais: uma reflexão possível. UFCG (2020)*, FERNANDES, Natália R. C. *A influência do consumo de tecnologia no comportamento humano. PUC-Rio (2018)* e SILVA, Alessandra C. *Um estudo sobre a funcionalidade, potencialidade e dificuldades vividas e sentidas pelos gestores, docentes e estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) : experiência de uma escola pública. UFRGS (2022)*. Junto a esse material, adicionamos os trabalhos de SILVA, Kamilla A. da. *Hi tech: um estudo sobre mídia e comportamento. UFRGS, (2011)* para referencial histórico da TIC pesquisada, MORAN, José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica (2000)* para fundamentos no papel do professor, o Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação (2023): Tecnologia na educação: Uma ferramenta a serviço de quem? e dados do Portal de notícias do IBGE.

Após leitura dos trabalhos selecionados, foram observadas as conclusões e dilemas pertinentes ao assunto do uso de smartphones como recursos pedagógicos. Buscamos

relacionar tais conclusões com os padrões sociais de larga escala através dos dados obtidos em pesquisas do IBGE, UNESCO, CETIC e a essas revisões bibliográficas.

5. Uso das TDICs em sala de aula: o que diz a literatura

Observamos que mediante os avanços tecnológicos e o imprescindível uso das TDICs de maneira genérica, os trabalhos selecionados apontam que a escola necessita ter os seus dispositivos próprios, com plataformas e aplicativos adequados, visto que o uso do aparelho pessoal do aluno pode gerar forte tendência de dispersão do exercício mental para o estudo. O foco pode ir para outro ambiente, assunto ou interação, ainda mais com a disposição de recursos de aplicativos de mensagens, como o WhatsApp (um dos mais utilizados no Brasil).

Ter um celular é existir no mundo atual, é estar em evidência – com as promoções e ofertas, não há mais desculpas para não estar ao “alcance de uma chamada”. Essa facilidade estimula a sensação de que possuir um aparelho de celular não é uma escolha, mas uma necessidade (praticamente uma obrigação para ser inserido, ou reconhecido, num grupo); a isso, soma-se a geração do medo da incomunicabilidade – tal sentimento foi nomeado Nomofobia, isto é, o medo de sentir-se desconectado do mundo seja via celular, internet. (A palavra nomofobia pode ser desmembrada da seguinte forma: no mobile phobia; ou seja, medo de ficar sem um telemóvel.)(Silva, 2011, p. 11).

Outro aspecto relevante, é que embora dados da CETIC nos informem que 78% dos alunos declaram que utilizam o celular ou computador para pesquisar sobre assuntos discutidos pelos professores em aula, ao mesmo tempo, o uso desse aparelho pode estar relacionado a alguns aspectos negativos individuais. O mesmo relatório elaborado pela CETIC salienta que o smartphone na sala de aula gera 50% de possibilidade de dispersão, além disso, 46% dos alunos apresentam algum excesso ou abuso de utilização de tecnologias ou jogos, assim como problemas de recursos na escola, sendo que 84% dos professores alegam não ter disponibilidade de equipamentos para melhor aplicação das TDICs.

Em síntese, de acordo com as confrontações de leituras e dados sobre as finalidades de uso do aparelho celular, foi percebida a baixa relação de uso da tecnologia como recurso pedagógico em sala. Os dados da CETIC nos indicam que 32% dos professores quase sempre implementam atividades que envolvem a utilização de celular ou computador, em contraste de 45% que usam às vezes e 25% que nunca o fazem. Situação semelhante relatada no trabalho de Barrera (2018), cujo estudo aponta que muitos professores utilizam a tecnologia

para organizar e planejar suas aulas, porém não desenvolvem atividades com as TDICs e nem aplicam em sala (Barrera, 2018, p. 11).

Porém, mesmo quando empregado para fins de aprendizagem, o celular pode ser usado pelos alunos para outros fins, como entretenimento social. Com efeito, para que o smartphone seja usado como ferramenta de ensino, é necessário instruir, incentivar e monitorar o aluno, como forma de fomentar seus conhecimentos, em outras palavras, é necessário induzir e positivar o habitus. Assim como pode ser visto no trabalho produzido de Fernandes (2020), em sua pesquisa sobre alunos da EJA e inclusão digital, ao que demonstra:

Dentre os resultados e conclusões dos trabalhos analisados, ressalta-se que, apesar de estarem em processo inicial de aprendizagem, as práticas de letramento digital promoveram avanços na produção de textos, assim como nas práticas de multiletramentos, que foram fundamentais para o desenvolvimento da autonomia na coletividade. Os resultados expressam ainda que os jovens e adultos apresentaram especificidades de interação com o computador, sendo percebido que o uso das tecnologias digitais pode se constituir como um instrumento eficaz para o aprendizado, sobretudo no que diz respeito ao processo de aquisição do código linguístico. (Fernandes, 2020, p. 58).

Na experiência de estágio aqui relatada, foi frequente o não exercício da escrita e da reflexão dos alunos. Ao final das aulas, alguns alunos apenas fotografaram o quadro com o conteúdo passado pelo professor – sem ter copiado nada no caderno. Percebi que os discentes não se permitem o direito à reflexão sobre a sociologia ou outras disciplinas, sendo que o aparelho celular atrapalha a ação de pensar, discutir, teorizar sobre os textos e o estar presente na aula. Uma sala de aula não se faz só com a reprodução do conhecimento, mas também em relação à interação, coletividade, resolução de problemas e sociabilidade.

As tecnologias de informação e a aprendizagem se relacionam atualmente nas salas de aula, neste contexto de pós-pandemia e retorno presencial. Faz-se assim necessária uma reflexão sobre quais métodos devem ser inseridos, estudados e planejados a partir do uso de TDICs, já que o uso das tecnologias de forma positiva pode tornar o processo de aprendizagem mais autônomo quando permite que professor e aluno não estejam no mesmo ambiente para ter uma aula.

Torna-se importante considerar que esses recursos informatizados estão disponíveis, mas dependem de projetos educativos que levam à aprendizagem e que possibilitem o desenvolvimento do espírito crítico e de atividades criativas. O recurso por si só não garante a inovação, mas depende de um projeto bem-arquitetado, alimentado pelos professores e alunos que são usuários. O computador é a ferramenta auxiliar no processo de “aprender a aprender” (MORAN, BEHRENS; MASETTO, 2000, p. 38).

Durante a pandemia, os alunos se viram necessitados a estudar em casa, através de plataformas como WhatsApp, Google Classroom, etc.,. No retorno presencial, já nos encontramos com alunos mais conectados e talvez antenados às mudanças e usos educacionais dos aplicativos. Além disso, podemos refletir como será o papel do professor, em meio a esse processo tecnológico, em direção a uma educação cada vez mais digital (Barbosa, 2020).

O argumento que defendemos neste trabalho é o de que a utilização da TDICs em sala de aula ainda necessita de um melhor planejamento, estruturação e finalidades. A nosso ver, se por um lado a tecnologia pode trazer relevantes possibilidades de aprendizagem, por outro lado, temos a percepção de uma perda expressiva de interação social, dispersão do exercício mental, do foco do assunto e ambiente. Nos parece que determinadas atividades digitais certamente vão apresentar resultados significativos, porém, não substituirão a experiência real e analógica em alguns casos, como por exemplo, exercícios psicomotores e concentração ao utilizar a coordenação fina para escrita à mão.

No caso da EJA, todo esse processo é ainda mais complexo, já que trata situações consideradas como “fracasso escolar”, tais como evasão e etarismo em relação ao “resgate dos estudos” através dessa modalidade educacional, que tem como planejamento curricular que as etapas do ensino regular sejam básicas dentro de um tempo de execução reduzido. Em outras palavras, a EJA seria uma corrida para buscar o aprendizado fora do tempo passado. Assim como alega Fernandes (2020):

Tratando-se do letramento digital, esta dupla função de letrar e incluir digitalmente o indivíduo pode contribuir para mudanças no espaço escolar, a partir da formação dos profissionais envolvidos nesse processo, que precisam refletir sobre suas práticas pedagógicas e propor ações a partir destas reflexões, que devem ser vistas como forma de possibilitar uma melhor interação dos educandos com os conteúdos trabalhados nas disciplinas do currículo, sob a ótica de uma metodologia de ensino contemporâneo. (Fernandes, 2020, p. 60).

O planejamento de aula, é necessariamente um dos passos para redirecionar a ideia do smartphone como apenas uma ferramenta de socialização, criando sentidos e habitus na aprendizagem, como meio de superar determinadas realidades escolares e políticas públicas que condicionem recursos direcionados para o ensino inovador e tecnológico. Pois isso, em presente contexto, vai depender necessariamente da expertise do professor em relação à tecnologia disponível no ambiente escolar, que em muitos casos apresenta inúmeros déficits ou tempo hábil para aplicação, como no ensino de sociologia por exemplo. A disciplina cada

vez tem menos espaço nas grades curriculares, tendo a média apenas um período por semana por turma.

Debater que uma dinâmica sobre a utilização dos recursos possa ter alguma formalidade prévia como maneira de instrumentalizar o futuro professor em relação a utilização do recurso. Reconhecer que há prós e contras em torno de uma afirmação sobre o uso das TDICs em sala de aula, que deve haver um planejamento que consiga atingir de forma eficiente o processo de aprendizagem do aluno.

Avaliando isso, conseguimos perceber que parte da situação sobre a utilização de TDICs está relacionado à infraestrutura escolar ou a falta de planejamento mediante a poucas metodologias que apoiem a aplicação das TDICs em sala. Mas percebemos que parte da iniciativa deve partir do docente em relação a aplicação, e parte dessa aplicação deve partir durante a ação do planejamento de aula, que em ampla maioria, já é confeccionado através de TDICs, ou seja, aquilo que o docente já possui como experiência de usuário, pode ser utilizado como método e transmissão para o aluno.

Como forma de suprimento de interesses pedagógicos, na eventual ausência de formalidades, resolvemos apresentar uma descrição do habitus que os docentes já possuem ou podem adquirir. E sugerir algumas adaptações, na perspectiva de que o docente também é um usuário, o docente possivelmente possui alguma conta de email relacionado ao Google por exemplo, ou pode ainda ser criado um endereço para tal finalidade. Nessa aquisição de email o usuário passa ter uma série de serviços gratuitos, que incluem aplicativos para formulação de documentos, apresentações, tabelas, formulários e outros, que podem ser acessados a partir de seu próprio smartphone. Por esse endereço do Gmail, o docente pode confeccionar documentos e direcionar arquivos através de links, por email ou aplicativos de mensagens, para os alunos acessarem os documentos em versão editável. Assim o docente ainda poderia monitorar, corrigir ou orientar o aluno durante sua atividade, sendo necessário o estímulo, orientação e solicitação aos alunos para acessar os arquivos. Ainda pelo mesmo endereço de email, o docente pode utilizar o Google Drive (espaço de armazenamento virtual de arquivos), onde pode criar pastas com materiais audiovisuais que podem ser produzidos pelo docente ou compartilhado de outra plataforma, bibliotecas virtuais organizada por pastas, elencadas por turmas ou séries, e por este meio, ser disponibilizado ao aluno através de links. Perceber que no ato do planejamento e de onde vai partir a criação ou organização e compartilhamento desses espaços virtuais, que poderão ser editados e reformulados, e em outros aspectos datificados. E ainda, se na disposição do ambiente escolar a atividade não

houver condições de ser realizada em sala ou laboratório, também poderá ser aproveitada como trabalho de casa ou material de apoio.

No caso da sociologia isso pode ajudar muito em relação a material ou solicitações de leituras prévias e posterior discussão em sala de aula, ou seja, o aluno também deverá ser submetido a demonstrar sua aprendizagem de forma analógica/dissertativa, como forma do docente verificar o que o aluno absorveu aprendizagem ou nas dificuldades pessoais que pode ter. Compreendendo que a aprendizagem deve ser sujeita a progressão da facilidade para a dificuldade, avaliando os processos individuais dos alunos (Vygotsky, p. 104-119, 1994). Mas sempre será necessário de antemão, verificar e certificar a disponibilidade de acesso pela escola, em sala e a possibilidade de acesso pessoal dos alunos, para assim, construir a ideia de como poderá ser aplicado o recurso.

6. O conceito de habitus de Bourdieu e sua capacidade explicativa no papel do smartphone na sociedade contemporânea

O conceito de habitus de Bourdieu pode nos fornecer as bases teóricas para a compreensão sociológica sobre o uso das TIC. Neste trabalho, olhamos especificamente para o smartphone, por sua considerável utilização na sociedade contemporânea, sendo expressivamente o meio tecnológico mais utilizado, e só esse fato já se enquadra numa prática e habitus já estruturado.

O habitus é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas [...].

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, O habitus é também estruturada: O princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais. Cada condição é definida, inseparavelmente, por suas propriedades intrínsecas e pelas propriedades relacionais inerentes a sua posição no sistema das condições que é, também, um sistema de diferenças, de posições diferenciais, ou seja, por tudo a que a distingue de tudo o que ela não é e, em particular, de tudo o que lhe é oposto: a identidade social define-se e afirma-se na diferença. O mesmo é dizer que, nas disposições do habitus, se encontra inevitavelmente inscrita toda estrutura do sistema das condições tal como ela se realiza na experiência de uma condição que ocupa determinada posição nessa estrutura: as oposições mais fundamentais da estrutura das condições - alto / baixo, rico / pobre, etc. - tendem a impor-se como os princípios fundamentais de estruturação em relação às práticas e à percepção das práticas. Sistema de esquemas geradores de práticas que, de maneira sistemática, exprime a necessidade e as liberdades inerentes à condição de classe e a diferença constitutiva da posição, o habitus apreende as diferenças de condição captadas por ele sob a forma de diferenças entre práticas classificadas e classificantes - enquanto produtos do habitus - segundo princípios de diferenciação que, por serem eles próprios, o produto de tais diferenças, estão objetivamente

ajustados a elas e, portanto, tendem a percebê-las como naturais. (Bourdieu, 2007, p.164).

Para operacionalizar o problema sociológico abordado, é preciso considerar o sujeito da pesquisa como um usuário. Além disso, temos de nos perceber também como um usuário, reconhecer que, enquanto pesquisadores, também podemos estar imersos e naturalizados na relação com o habitus do smartphone, que em determinado momento das observações empíricas, as informações foram obtidas enquanto pessoa nesse contexto histórico, social e digital. Em ordem, cabe tentar desnaturalizar a forma como já compreendemos e dependemos do uso do tipo de tecnologia observada, percebendo esse comportamento como um padrão incorporado, ao que se pode comparar, em partes, ao paradigma do Estruturalismo de Levi Strauss (1975), como forma de abordar situações de ordem subjetivas. Por exemplo: assim como precisamos saber, e adquirimos uma linguagem nativa como meio de nos comunicarmos com os demais, na presente sociedade se faz naturalmente essencial possuir a TIC como forma de inserção social e assim relacionar-se com pessoas, instituições, trabalho e mais outras funções não exatamente de lazer.

Podemos mencionar como exemplo do processo de incorporação desse habitus e da inserção da tecnologia como necessidade de comunicação os cadastramentos em sistemas institucionais, como a plataforma do Governo Federal (gov.br). Para ter acesso a diversos serviços de ordem pública, o cidadão necessariamente terá de efetuar a habilitação no cadastro pré-existente na plataforma. E com esse cadastro ele pode ter acesso aos serviços de caráter público, sendo possível realizar agendamentos para consultas médicas e buscar por trabalho no Sistema Nacional de Emprego (SINE), entre outras necessidades e serviços básicos. E com isso, ou parte disso, sendo mais um elemento coercitivo para que o sujeito se insira na estrutura tecnológica.

Para além deste exemplo, temos também as redes sociais que se apresentam igualmente estruturantes (lembramos os dados sobre as redes sociais publicadas pelo IBGE). A presença massiva de redes sociais nos leva à compreensão de que o mundo está se digitalizando/virtualizando. O acesso a este mundo, por sua vez, está intrinsecamente associado a estar em posse do smartphone, em movimento de “selfie” (a forma como seguramos o celular também pode corresponder a semelhança de quem segura um espelho).

Basicamente, estamos inserindo todos aspectos da realidade física para uma realidade virtual. Embora isso possa facilitar em muito a vida prática da ordem funcional, por outro lado, essa facilitação está disposta em um aparelho de uma grande indústria de tecnologia,

que se conecta a ambientes definidos por outras indústrias da comunicação que obtêm das mais diversas informações sociais, institucionais e privadas. Ainda que possam existir sistemas de criptografia e políticas de privacidade, querendo ou não, essas empresas da comunicação digital resguardam todas informações que são trocadas, inclusive por autoridades e representações públicas ou governamentais. Então, o que se percebe é que desde as informações de ordem privada, ou diga-se, “menos relevantes”, até as informações relevantes, por assim entender, da ordem pública, acabam sendo registradas ou datificadas pelas grandes empresas de tecnologia. Podemos atribuir a essa argumentação o fato de que boa parte dos desejos de uma pessoa, mesmo que não externalizados verbalmente, podem ser cooptados pelo seu aparelho smartphone, de acordo com o modo como o usuário efetua pesquisas em buscadores virtuais ou nas conversas com seus amigos e familiares. Já por outro lado, essas mesmas datificações ou registros, no ambiente institucional podem ser bem efetivos e auxiliares, pois com essas informações é possível rever tudo o que foi dito em uma conversa.

Assim, o sentido de adaptação e naturalização de aspecto digitalizado gera um novo sentido de habitus sobre a interação social, uma vez que as salas de aulas podem estar mais silenciosas que em outras épocas, pois muito da distração do aluno também irá ocorrer em ambiente virtual do que somente na interação com o colega da sala presencial. Ao que ainda pode-se entender que, durante o período pandêmico, a relação da sociedade se fez através dos meios digitais, consolidando muitas formas de interação entre indivíduos e instituições de diversas naturezas, de uma outra forma. As mais, diversas formas de comércio, serviços (público ou privados), passaram por alguma inclusão digital sendo a mais comum a criação de perfis em redes sociais ou áreas de atendimentos por aplicativos de mensagens, ou ainda, a utilização do perfil pessoal em diversas redes como meio de comunicação, para também diversas naturezas funcionais. Assim, o mundo reestruturou-se e se reestrutura digitalmente a largos passos. E por isso se fala tanto em rede social nesta pesquisa, pois elas são basicamente o eixo do habitus, aliado ao aparelho que automaticamente notifica os interesses do usuário. E assim surge uma prática inconsciente sobre a preocupação ou simples necessidade de verificar o aparelho, até mesmo quando não notificado, sendo esse movimento algo prejudicial para o ambiente em sala de aula, já que a atenção do aluno não se dá por completa no ambiente.

Ainda enquanto análise, é preciso compreender que o aparelho se trata do meio funcional, enquanto aplicativos e o ciberespaço seriam os agentes que impactam na forma de

utilização desse meio, sendo fatores que potencializam e geram o habitus, e consequentemente, a dependência deste aparelho.

7. Considerações Finais

Pode se relacionar o uso do smartphone como a TIC responsável por expressiva forma de inclusão digital no Brasil, e que em torno dessa constatação, em alguns trabalhos havia uma expectativa de que a utilização das TDICs seria uma forma de educação/inclusão digital pelo viés da educação regular e consequentemente na modalidade EJA, pois teria maior facilidade de pesquisas para os estudantes. Porém, fatores de regulamentação, planejamento relacionados às individualidades de metodologias, somada a dificuldades de condições estruturadas para aplicação, dificultam o uso da tecnologia em salas de aula com efetiva aprendizagem. É preciso ter educação digital, acesso à internet na escola, uso adequado para fins didáticos, sensibilização e responsabilidade sobre uso de imagens, filmagens, gravações, pesquisa em fontes confiáveis, etc.

No texto de Miriam, a autora destaca que se faz necessária “*a discussão sobre o papel da tecnologia como processo social que reconfigura as características identitárias dos agentes educacionais*” (Barbosa, 2020, p. 59). Neste trabalho, observa-se que o papel do professor está mudando de modo que ele se configura como um produto, alguém que precisa competir pela atenção dos alunos. E mesmo que exista o acesso às tecnologias na educação, não é garantido que há a produção do conhecimento, porque é preciso que o agente educacional consiga gerar interesses no aluno, além da qualidade de recursos e tecnologia para obter e demonstrar caminhos, ser mediador entre o estudante, a tecnologia e o conhecimento no processo de aprender.

Através das leituras, conclui-se que não é mais possível se desvencilhar da tecnologia pesquisada, e ainda que há uma dependência tecnológica, a maioria dos trabalhadores precisam utilizar as TDICs em suas áreas, assim como uma disposição de facilidades é inteiramente condicionada ao recurso do smartphone. No contexto de aprendizagem é preciso ressignificar culturalmente o uso do dispositivo para o cotidiano do aluno como forma de educação digital para assim poder exercer melhor o seu direito de estudar.

Além dessa ressignificação sobre o comportamento em relação ao uso do dispositivo, observa-se que ainda não há uma metodologia específica e padrão de educação digital, que atenda os alunos de maneira uniforme, equilibrada com os demais recursos tradicionais utilizados e a interação em sala de aula.

Como se dá o desenvolvimento humano? Planejamento e propostas de atividades criativas para que não seja mera reprodução de textos copiados e colados de sites de pesquisa, sem reflexão sobre o que se lê, sem conexão de ideias a partir da escrita. Espera-se encontrar uma maneira de unir a criatividade individual do estudante, exercitando a sua escrita e reflexão, aliadas ao uso das tecnologias. Assim, o aluno pode aprender a buscar o próprio conhecimento, expandindo o que teve em sala de aula através da interação com seu professor, para isso o habitus da busca de conhecimento por meio de TDICs deve não só ser estimulado como também planejado e aplicado pelo professor.

A comunicação em sala de aula já vem sendo intercalada com o uso de telas. O professor está ministrando sua disciplina e os alunos usam fone de ouvido, ouvem música, recebem e leem mensagens em suas redes sociais e jogam jogos eletrônicos. E já se observa como esse comportamento pode afetar o aprendizado, e quais dinâmicas seriam as mais adequadas para que houvesse melhor aproveitamento do tempo em escola. O comportamento vem mudando e é relevante direcionar a atenção das pesquisas em sociologia, educação e outras áreas de conhecimento para desenvolver os usos das TDICs na escola.

8. Referências

BARBOSA, Míriam L. **Tecnologias digitais e seus usos na Educação de Jovens e Adultos (EJA): contribuições para a inclusão digital**. Diamantina, 2020. Disponível em http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/bitstream/1/2360/1/miriam_lucia_barbosa.pdf - acesso em 20 de agosto de 2023.

BARRERA, Eliana Cristina Galland . **Tecnologias de informação e comunicação (TDICs) : uma revisão sobre seu uso no ensino médio de química no Brasil**. UFRGS, 2018. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/181157> - acesso em 3 de setembro de 2023.

BELANDI, Caio. **161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022**. Agência IBGE Notícias. Publicado em 09/11/2023. Disponível em [161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022 | Agência de Notícias](#)

BOURDIEU, Pierre. 1930-2002 **A Distinção: crítica social do julgamento**; tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira - São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. Disponível em [Pierre Bourdieu](#) - acesso em 15 de fevereiro de 2023

Censo Escolar 2019. Site: portal.mec.gov.br. INEP. Disponível em [censo escolar - Ministério da Educação](#).

FERNANDES, Kaline G. **Escola e redes sociais: uma reflexão possível**. UFCG, 2020. Disponível em <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/16788/3/KALINE%20GOMES%20FERNANDES%20%e2%80%93%20DISSERTA%20c3%87%20c3%83O%20%28PROFSOCIO%29%202020.pdf> - acesso em 20 de agosto de 2023.

FERNANDES, Natália R. C. **A influência do consumo de tecnologia no comportamento humano**. Trabalho de conclusão de curso. PUC-Rio, 2018. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35301/35301.PDF> - acesso em 20 de agosto de 2023.

MAYER-SCHONBERGER, V; CUKIER, K. **Big Data**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. Disponível em [Viktor Mayer Schšnberger - Big Data-CAMPUS | PDF](#) - acessado em 18 de fevereiro de 2024.

MORAN, José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000. Disponível em - <http://bds.unb.br/handle/123456789/230>

NERY, Carmen; BRITTO, Vinicius. **Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021**. Agência IBGE Notícias. Publicado em 16/09/2022. Disponível em [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021#:~:text=Em%202021%2C%20o%20celular%20era,computador%20\(42%2C%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021#:~:text=Em%202021%2C%20o%20celular%20era,computador%20(42%2C%25)) - acesso em 03 de setembro de 2023.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras [livro eletrônico] : TIC Educação 2022 – Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian schools : ICT in Education 2022 / [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- 1. ed. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. Disponível em [TIC EDUCAÇÃO — — ICT IN EDUCATION](#)

SILVA, Alessandra C. **Um estudo sobre a funcionalidade, potencialidade e dificuldades vividas e sentidas pelos gestores, docentes e estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) : experiência de uma escola pública.** UFRGS, 2022. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/254674> - acesso em 3 de setembro de 2023.

SILVA, Kamilla A. da. **Hi tech: um estudo sobre mídia e comportamento.** UFRGS, 2011. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32974> - acesso em 20 de agosto de 2023.

STRAUSS, Levi C. **Antropologia estrutural.** Tradução de Katz, Chaim Samuel e Pires, Eginardo. Editora Tempo Brasileiro Rio de Janeiro, 1975. Disponível em https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Alevistrauss-1975-antropologia/LeviStrauss_1975_AntropologiaEstrutural.pdf-acesso em 12 de janeiro 2024.

UNESCO. **Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023: Tecnologia na educação: Uma ferramenta a serviço de quem?** Paris, UNESCO.

Uso de TI no Brasil: País tem mais de dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa. Site: portal.fgv.br. 2023. Disponível em [Uso de TI no Brasil: País tem mais de dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa | Portal FGV](#)

TIC Domicílios indica que 31% da população brasileira usa Internet pelo telefone celular. Site: cetic.br. 2014. Disponível em [TIC Domicílios indica que 31% da população brasileira usa Internet pelo telefone celular](#)

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994. Disponível em https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Alevistrauss-1975-antropologia/LeviStrauss_1975_AntropologiaEstrutural.pdf - acesso em 17 de fevereiro de 2024.